

Borges: metodologias e práticas para críticas utópico-contextualistas

Breno Anderson Souza de Miranda

Mestre em História e Mestre em Letras (UFMG) e Doutorando em História Social (USP)

brenomiranda@yahoo.com.br

RESUMO: Pretendemos nesse trabalho apontar algumas metodologias, que de alguma forma, contribuam para um hipotético e utópico historiador que trabalhe com a literatura, em direto diálogo com a teoria da literatura presente na obra de Borges. As críticas contextualistas em Borges seriam interessantes instrumentais para o historiador, uma vez que problematizariam o que se entende por realismo na literatura. Tentaremos, portanto, interseções da criação literário-ficcional borgiana com práticas utópico-contextualistas de leituras críticas. Para tanto, aproximaremos a teoria borgiana à recepção sociológica de Pierre Bourdieu, e convidaremos o historiador Roger Chartier para adentrar-se ao debate texto/contexto/autor em Borges, buscando diálogos da criação literário-ficcional com a história, a política e a sociologia.

PALAVRAS-CHAVES: Borges, Críticas, Teorias.

ABSTRACT: We intend in this work to point out some methodologies that somehow, contribute to a hypothetical and utopian historian who works with the literature, in direct dialogue with the theory of literature present in Borges' work. The contextualist criticisms in Borges would be interesting instrumental for the historian, since they would problematize what is meant by realism in literature. We will try thus, intersections of the borgesian literary-fictional creation with contextualist-utopian practices of critical readings. To do so, we will approach the borgesian theory to the sociological reception of Pierre Bourdieu, and we will invite the historian Roger Chartier to enter to the debate text / context / author in Borges, seeking dialogues of the literary-fiction creation with the history, the politics and the sociology.

KEYWORDS: Borges, Criticisms, Theories.

Introdução e tentativa de aproximação de Borges à recepção sociológica de Pierre Bourdieu

Nessa introdução apresentamos nosso objeto/fonte de estudo, Jorge Luis Borges (sua literatura e algumas de suas críticas), como uma fortuna crítica problematizável por diversificadas recepções — Borges é lido (mais citado que lido) por diversos campos das ciências humanas (história, sociologia, política, etc., além, é claro, da literatura). É um escritor teórico-crítico que não tem uma literatura didático-explicativa e de fácil assimilação (sua literatura não vem a ser generosa e piedosa com o historiador que espere a literatura enquanto reflexo da realidade).¹

¹ Não custa nada lembrar o ato crítico de nosso literato-historiador Machado de Assis, em sua recusa a beneficiar a leitura de um leitor comum. Nele, o leitor entra, muitas vezes, como um personagem que dialoga com o narrador machadiano, que já o prepara de antemão, uma vez que não terá uma leitura fácil, e completamente aprazível. Com Borges não seria muito diferente.

Nossa proposta não seria, portanto, uma análise documental-objetivista-linear pormenorizada, sequer um minucioso levantamento documental para uma determinada reconstituição de um fato histórico, e sim, algo mais próximo a configurações de diálogos para sugestões de hipóteses teórico-metodológicas, que, de alguma forma, tragam para os estudiosos de história, como também para os de literatura, alguns apontamentos sobre práticas de estudar a literatura através de críticas contextualistas. Como essas críticas poderiam ser complementares, ou até mesmo repulsivas a outras tradições críticas opostas?

O nosso contexto teórico pode ser beligerante, mas pode também possibilitar encontros. Percebemos em uma primeira aproximação, que mesmo Borges não escapara aos estudos históricos, mas estamos cientes dos velhos mitos que ainda poderiam circunscrever algumas de suas recepções. Entretanto, como objetos para o historiador, isto é, como aquilo que muda no decorrer do tempo, críticas contextualistas se apresentam em relação a outros mitos, que reconstróem seus antecessores, recriando o que se entende como a sempre porosa, lacunar e comunicante tradição.

Para falar em invenções de tradições na escritura borgiana, contribuiu uma girada de perspectiva na crítica sobre Borges, que tentou afastar-se das ironias e paródias do próprio autor sobre os realismos, e passou a preocupar-se também com traços documentais, biográficos, autobiográficos, e com interseções de sua criação literário-ficcional com a política, a sociologia² e a história. Nem Jorge Luis Borges estaria imune a um *fin-de-siècle* e início de outro, atormentado por esmiuçar a realidade a todo o momento e em todas as partes. Pululam atualmente publicações de manuscritos, cartas, diários e biografias sobre o autor em todo o mundo, e diríamos que Borges já não é mais o que até então sempre fora, ou o que quisera (sempre?) ter sido — o mito do escritor fantástico-fantasmático-niilista, tanto em sua obra, como em sua vida.

Ainda na sociologia densa e nada líquida de Pierre Bourdieu, no que ela tem de práxis importante para os estudos literários contextualistas (numa atualização do que já vinha sendo feito por E. Durkheim, Lukács³, Gramsci, Weber, Marx, Hegel, Lévi-Strauss, dentre outros), as estratégias de “campo intelectual” e “*habitus*” até que permitiriam que adentrássemos

² O sociólogo da Universidade de São Paulo (USP), Sergio Miceli, divulgador da obra e metodologia de Pierre Bourdieu, rendeu-se aos encantos de um possível realismo em Borges. “Este artigo examina condicionantes e práticas sociais que viabilizaram a trajetória literária de Jorge Luis Borges, autor que teria logrado apagar as marcas de sua vida pessoal. Por meio da análise dos textos de juventude, das relações familiares e do campo literário argentino no início do século XX, o artigo deslinda novas chaves para a compreensão da obra borgeana”. MICELI, Sergio. Jorge Luis Borges: história social de um escritor nato. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.77, p. 155, mar. 2007.

³ Marcos Rogério Cordeiro atenta ao esforço de teorização das relações entre forma e conteúdo, literatura e história, nas obras de Lukács e outros materialistas. CORDEIRO, Marcos Rogério. Considerações sobre a teoria e o método histórico-literário. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n.14, p. 141-171, 2009.

de certa forma na escritura irrealista-circular-fechada borgiana, tida muitas vezes como uma releitura “pós-moderna” dos idealismos platônico e alemão. Mas até que ponto o meramente, o especificamente literário teria o poder de escapar aos desígnios do determinismo histórico-sociológico, perguntaria Bourdieu?

Bourdieu distancia-se de qualquer assertiva estruturalista, ou pós-estruturalista, que apregoe o desaparecimento do sujeito, e da filosofia do sujeito, nas tramas da obra literária. Aproxima-se de Chomsky de uma maneira peculiar, frisando as “disposições adquiridas, socialmente constituídas” em meio às intencionalidades inventivas. Mas, como é amplamente difundido em sua sociologia, o *habitus* tem uma necessidade voraz pela incorporação da objetividade.

Percebe-se a que ponto é absurda a catalogação que inclui no estruturalismo destrutor do sujeito um trabalho que se orientou pela vontade de reintroduzir a prática do agente, sua capacidade de invenção, de improvisação. Mas eu queria lembrar que essa capacidade “criadora, ativa, inventiva”, não é de um sujeito transcendental como na tradição idealista, mas a de um agente ativo. [...]. Tratava-se de retomar no idealismo o “lado ativo” do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo a teoria do “reflexo”, havia abandonado. Construir a noção de *habitus* como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneidade como princípios organizadores de ação, significava **construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos.**⁴

Sedutoras para o cientista social, para o historiador, essas teorizações muito sociologizantes não podem abarcar os espectros e pontos cegos da ficção de Borges, dada sua acentuada carga antifísica⁵, que sempre flui, mesmo em qualquer tentativa compactadora de objetivação. Borges é tido como o *Midas* das intenções de purismo literário de seu tempo, e sua narrativa, altamente provocadora, mexe com as delimitações rígidas da “práxis”. Borges ganhou de muitos de seus críticos um papel condensador de uma gigantesca biblioteca, imaginária e infinita que, no âmbito da desconstrução (guardadas as devidas proporções e inversões), talvez possa ser comparado com o que Hegel fora para a progressão (?). Haveria em Borges aquela utopia dialógica, que tanto repetem de Bakhtin? E/ou uma utopia que atravessasse alguns confinamentos institucionalizadores (para lembrar Foucault), e unisse por alguns instantes, sem resolver o litígio — ficção, história, memória e vida — com as várias temporalidades do texto?

Hipóteses para uma teoria da leitura libertária e guerrilha crítica na relação texto/contexto em Borges

⁴ BOURDIEU, Pierre. “Fieldwork in philosophy”. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 25-26. (grifos nossos).

⁵ COSTA LIMA, Luiz. A antiphysis em Jorge Luis Borges. In: _____. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 237-265. Para Costa Lima neste ensaio, a *antiphysis* borgiana teria o poder de se opor à *mimesis*.

Em nossas introdutórias colocações acima, não defendemos que a teoria desenhada por Borges em sua literatura, como também em sua crítica, seja a única e a ideal teoria contextualista. Contenhamos ao território teórico borgiano, que por si só, já é demasiadamente abrangente. Interessa-nos também, como objeto para o historiador que lida com a literatura, e como metodologia para sua prática, elencar algumas hipóteses utópicas para a crítica em Borges. Elas seriam generalistas, porque não implicariam em uma prática restritiva, isto é, não podemos descaracterizar Borges ao ponto de requerer uma teoria do reflexo da sociedade em sua literatura. Buscar-se-ia então uma prática mais pluralista.

Nossas hipóteses não são tanto determinismos que impomos ao viés literário, e sim utopias, isto é, estão presentes em nossa realidade, mas não foram ainda totalmente efetivadas — apresentam-se como projetos de um construto teórico-literário transdisciplinar. Aqui, o historiador não teria receios da literatura, e buscaria tentar humildemente compreendê-la. Seus méritos não estariam apenas na análise documental, isto é, na literatura contextualizando uma época. Ao aproximar-se com maior esmero da estética, visualizar-se-ia o quanto proposições formal-ficcionais do escritor, em nosso caso, um escritor-crítico, tentam romper com práticas institucionalizadas do fazer literário, e com recepções unilaterais. A literatura de Borges é atual, e tenta ultrapassar várias barreiras teóricas. Cabe assim ao estudioso de práticas humanas no tempo, colocar essa arte (ou artifício) no calor dessas hipóteses (não necessariamente demonstráveis por documentos e bibliografias), sobretudo porque utópicas.

A literatura de Borges importa sim àqueles que queiram deter-se ao estudo de problematizações que envolvam as recepções institucionalizadoras das fontes literárias, modificáveis e nunca definitivas no decorrer do tempo. Nossa principal hipótese é que a literatura de Borges permita avançar no estudo prático de uma complicada utopia literário-crítica (que não almeje ser didática e busque despertar o leitor de alguma morosidade, como é próprio do literato argentino que estudamos), exposta vivamente em meio a tantas ruínas críticas. Ruínas porque são restos, remendos de outras teorias, vindas de diversos “lugares”. Ainda se tenta re-construir esse objeto histórico, apontar quais seriam essas fontes e com quais instituições ele buscaria dialogar. Para isso contribuem, mas não determinam, nossa experiência latino-americana (mais que simplesmente argentina) e os diversos autoritarismos político-discursivos, que tanto incomodaram a Borges. Qual seria a contribuição de um literato argentino para a formulação de uma teoria abrangente e humanista, apropriada por vários lugares epistemológicos? O que sua literatura teórica poderia alcançar de *ethos* libertário-político?

Any reading of Borges should take into account the ethics that sustains it. For certain readers, the term might seem strange, even dubious. By ethics I mean the honest

conduct and conveyance of text, seemingly deceitful yet aware of its deceptions, admitting to its inevitable traps, confessing to the creation of simulacra it does nothing to conceal.⁶

Nossas hipóteses também tentam atravessar uma cartografia crítico-pedagógica (que emanaria do próprio autor-narrador?), que se posiciona contra rigores determinista-metodológicos, ao lidar com o objeto literatura. Em nossas ponderações, ou nas borgianas, as discriminações técnico-criativas, e procedimentos de leitura e crítica, aproximam-se e querem aproximar-se (se possível até por instâncias do desejo e do erotismo — vide Barthes⁷) de autoritarismos discursivos, justamente para procurar alguma forma de libertação.

Nossas utopias caminham por propósitos um tanto quanto alheios aos cânones, mesmo que estes sejam nosso foco principal — Borges quer-se realisticamente enquanto cânone e mito da literatura argentina e universal. O crítico-leitor-autor do discurso utópico em Borges busca algum não-sentido no CORPO DA LETRA, no vazio da PALAVRA, no submundo da narrativa literária monumental, nas possibilidades do impossível, e tenta sublinhar alguns lugares da escritura crítica.

A técnica historiográfica seria meio essa: o universo da imaginação crítica, da utopia, da memória literária, afasta-se (ao aproximar-se) da grande narrativa mítica, seja ela qual for. O crítico-historiador-ficcionista em Borges, encarrega-se de despertar o leitor intrínseco ou extrínseco de sua letargia, para tentar dialogar com outras consciências, sempre debatendo, registrando, criptografando ou descriptografando os preenchimentos, os exílios, as tensões, as falhas, rupturas e ausências do corpo da escrita. Autor-leitor-crítico-personagem em Borges, busca respostas envoltos em uma sensibilidade democrática, aristocrática, anarquista e realista, e porque não — “bárbara”.

Podemos perceber, sem nenhum espanto, certos traçados autoritários e sistemático-compactadores na narrativa borgiana. Mas eles (nem sempre) ganham ares libertários, uma vez que são sintetizados e centralizados a partir de certa inversão (já tão discutida por muitos) na centralidade hegeliano-iluminista. Sylvia Molloy afirma que o “texto borgiano tenta ignorar a fixidez, por causa de sua imperfeição”; diríamos que só poderia ser um perfeccionismo em meio à perfeição imperfeita. Antes, ela ressalta a natureza do discurso borgiano: “a vocação de

⁶ “Qualquer leitura de Borges deve levar em conta a ética que a sustenta. Para certos leitores, o termo pode parecer estranho, até mesmo duvidoso. Pela ética eu quero dizer a conduta honesta e transmissão de texto, aparentemente enganoso, ainda consciente de seus enganos, admitindo às suas armadilhas inevitáveis, confessando à criação de simulacros, que ele não faz nada para esconder-se”. (tradução nossa). MOLLOY, Sylvia. *Signs of Borges*. Transl. Oscar Monteiro. Durham and London: Duke University Press, 1994, p. 4.

⁷ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

marginalidade que move esses textos”⁸. Marginalidade para almejar incansavelmente alguma fama e centralidade, diríamos, o sonho de chegar ao topo por vias tortas e ousadas.

Como Borges atuaria nas táticas de guerrilha crítica, com uma narrativa tão esparramada, que estilhaça a narrativa de outros escritores, convidados através da leitura a fazerem parte de sua ficção? Daniel Balderston, em *Menard and his contemporaries: The arms and letters debate*, mostra a nostalgia do tempo “pós-moderno” por uma temporalidade moderno-quixotesca, em que ações da escrita dos homens de letras circulavam no sentido moral das “*rules of dueling*” [regras de duelo], tão comuns aos cavaleiros andantes.

Polêmicas à parte, a crítica de Balderston intenta atualizar a recepção do famosíssimo conto de Borges. Preocupa-se com intencionalidades, alicerçadas na construção do artefato ficcional, descartando o fato de que o narrador no conto de Borges enumerava um escritor qualquer e imaginário, que plagiaria a obra mais conhecida de Cervantes, apropriando-a despudoradamente como sua. “There is a nostalgia for time before there were intellectuals, a refusal to entertain the Sorelian distinction between bourgeois (and state) repressive force and proletarian violence, a desire to discuss modern war as if it were still conducted by rules of dueling”⁹. Borges engendra algo popular e antropológico calor folhetinesco pela atualidade modificadora e atuante (mesmo inserida em uma massificação comunicativa), em construções formais abstratas e altamente sofisticadas.

Borges [...] contradiz a pretensão de totalidade de uma estética que funda o valor literário na unidade compacta de ideias de um texto hegemônico. Pelo contrário, reivindica a superfície cheia de gretas e semanticamente pobre, cuja unidade frágil só se mantém pelas operações da forma: isso é literatura, um discurso composto de discursos, onde o procedimento decide a eficácia da invenção. (tradução nossa).¹⁰

Realismos e “condições sociais de possibilidades de leitura” em Borges?

Retorno a Bourdieu

Atentos acima, também à forma em Borges, importante para o historiador de críticas utópicas, fazemos aqui mais um movimento em nosso texto, com o objetivo de retornarmos à teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Uma atenção à forma, não significa que defendemos que Borges e seus narradores estariam indiferentes às “condições sociais de possibilidades de leitura”. “Interrogar-se sobre as condições de leitura significa interrogar-se não só sobre as condições

⁸ MOLLOY, Sylvia. *Signs of Borges*, p. 6 e p. 3. (tradução nossa).

⁹ “Há uma nostalgia por um tempo antes de existirem intelectuais, uma recusa para entreter a distinção soreliana entre a força burguesa (e do estado) repressiva e violência proletária, um desejo de discutir a guerra moderna como se ainda estivesse conduzida por regras de duelo”. (tradução nossa). BALDERSTON, Daniel. *Menard and his contemporaries*. In: _____. *Out of context: historical reference and representation of reality in Borges*. Durham and London: Duke University Press, 1993. p. 33, p. 18-38.

¹⁰ SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1998, p. 114.

sociais de possibilidade das situações em que se lê [...], mas também sobre as condições sociais de produção de *lectores*”¹¹. A teoria de Bourdieu provoca a teorização de alguns leitores de Borges, a partir do momento em que se choca com supostos projetos filológicos universalizantes e essencialistas.

Os filólogos correm o risco de projetar nas palavras que estão estudando a filosofia das palavras implicada no fato de estudar as palavras, e de assim deixar escapar o que constitui a verdade das palavras, quando, no uso político, por exemplo — que joga sabiamente com a polissemia —, elas têm como verdade o fato de terem diversas verdades. [...]. Percebe-se que, se o filólogo refletisse sobre o que é ser filólogo, seria obrigado a se perguntar se o uso que ele faz da linguagem por ele estudada coincide com o uso que dela faziam os que a produziram; e se não há o risco de que os descompassos entre o uso e os interesses linguísticos introduza na interpretação um viés essencial [...].¹²

Em proposições instigadoras, Bourdieu coloca o crítico e o intérprete (filólogo ou etnólogo) da literatura à margem do logocentrismo abstratizante da contemporaneidade, e retorna à crítica que Platão faz à poesia, na qual “a relação mimética, com a linguagem que ela implica, envolve todo o corpo: o poeta, o aedo, evoca poesia como se evocam os espíritos, e a evocação (isso vale também para os poetas berberes) é inseparável de toda uma ginástica corporal”¹³.

Aqui, não há a separação moderna entre poesia, poema, prosa, ritual, etc., e o objeto de estudo — o mito grego ou “primitivo” — é produto da própria alteração logocêntrica que se propõe na atualidade. O sacerdote, aquele que prepara e exerce o ritual coletivo, é meramente humano e singular. “De fato os letrados nunca entregam ritos em estado bruto (o ferreiro talha, corta, aniquila, separa o que está reunido, logo, é especialmente indicado para operar todas as separações rituais, etc.)”¹⁴.

Quando o objeto experimental é narrado, ele já não é mais apenas uma “práxis mimética”, e está atravessado por uma “lógica corporal orientada para algumas funções”. “Mudam os interesses e os alvos que estão em jogo, ou, para dizer as coisas de um modo simples: acredita-se neles de uma forma diferente”¹⁵. Assim, não poderia haver a distanciada cultura letrada-erudita-autorreferencialista. “O jogo da reinterpretação não é inteiramente livre; ele supõe, da parte do narrador hermeneuta (Homero, Hesíodo ou o poeta cabilia), uma familiaridade

¹¹ BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: _____. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 135.

¹² BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura, p. 137.

¹³ _____. Leitura, leitores, letrados, literatura, p. 138.

¹⁴ _____. Leitura, leitores, letrados, literatura, p. 140.

¹⁵ _____. Leitura, leitores, letrados, literatura, p. 141.

imediate com a estrutura de primeiro grau, uma espécie de intuição estrutural dessa estrutura, característica da relação viva com a cultura viva”¹⁶.

Essas explicações sobre a teoria sociológica de Bourdieu (aqui não tão determinista como poderia supor), em interseção com a antropologia, são desculpas para adentrarmos ao Borges construtor e atuante em uma *civitas* literária. Não é difícil perceber na obra borgiana, quão grande são o apreço e a paixão pela materialidade da prática artesanal da leitura, algo que busque fincar um lugar no vasto “horizonte de expectativa”¹⁷, que luta contra a instantaneidade do tempo presente da “modernidade” ou “pós-modernidade”.

O *locus* da leitura intimista de outros textos expõe uma direta consonância com sua exterioridade pública — o “consenso flutuante”, que o literato-crítico cria com seus pares e com o mundo. A atualidade (o instante) da crítica subjetiva inscreve-se na con-figuração e interseção de vários espaços, temporalidades, utopias e distopias, que se comunicam em constante trânsito. A leitura seria possibilidade de refundação da tradição? Haveria alguma relação entre o “eu” empírico — a experiência íntima do eu —, e a construção extemporânea da “função autor”, para retornar a Foucault em *Qu’est-ce qu’un auteur?* e *L’ordre du discours?*

É ali onde se fixam as categorias fundamentais que organizam a ordem do discurso literário moderno, tal como Foucault o caracterizou em dois textos célebres, *Qu’est-ce qu’un auteur?* e *L’ordre du discours*: o conceito de *obra*, com seus critérios de unidade, coerência e persistência; a categoria de *autor*, que faz com que a obra seja atribuída a um nome próprio; e, por último, o *comentário*, identificado com o trabalho de leitura e interpretação que traz à luz a significação já presente de um texto.¹⁸

O historiador Roger Chartier adentra-se ao debate texto/contexto/autor em Borges

Se acima tentamos aproximar Borges à teoria de Pierre Bourdieu, agora, convidamos Roger Chartier para adentrar-se a este complexo debate, principalmente após o decreto pós-morte do autor, via Barthes, e as implicações sobre o ressurgimento do mesmo, recentemente. Chartier pode auxiliar-nos em nossas construções de hipóteses utópicas, sobretudo porque lança mão do Borges teórico de sua própria obra, como no conto “*Borges y yo*”, publicado em *El hacedor* (1960). “À experiência íntima do eu se opõe a construção do autor por parte das instituições”¹⁹. Irremediavelmente, cai-se na temática do duplo, tão caracteristicamente borgiano, e nas

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. *Leitura, leitores, letrados, literatura*, p. 145.

¹⁷ KOSELLECK, Reinhart. “Espacio de experiencia” y “Horizonte de expectativa”, dos categorías históricas. In: _____. *Futuro pasado: para una semántica de los tiempos históricos*. Trad. Norberto Smilg. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993, p. 333-357.

¹⁸ CHARTIER, Roger. Conferência. In: CHARTIER, Roger; HANSEN, J. A.; DAHER, A. *Debate Literatura e História*. Roger Chartier, João Adolfo Hansen e A. Daher. *Topoi*, Rio de Janeiro, n° 1, p. 198, jan./dez. 2000.

¹⁹ _____. Conferência, p. 199.

oscilações sempre não resolvidas entre realismo e ficção. A partir de qual momento, Borges que era o “primeiro” deixou de sê-lo? Então, talvez o “segundo” Borges seja mais institucionalizado e institucionalizador que o “primeiro”...?

O caso autoral borgiano constitui-se por si só um agravante, pela quase completa diluição entre obra, crítica e vida, mesmo nos momentos mais fantasmáticos. “Aos gostos secretos que definem o indivíduo em sua irreduzível singularidade se opõe o exagero teatral das preferências exibidas pelo autor, figura pública e ostentativa”²⁰.

A crítica de Chartier é apurada no estudo do “*El espejo y la máscara*”, conto publicado em *El libro de arena* (1975). Rejeita-se a interpretação da literatura enquanto representação de uma verdade-realidade una e previamente estabelecida, e “descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético”²¹. Não há nada que não seja historicizável e cotidianizado (mesmo que a história não seja capaz de abarcar toda e qualquer prática), e o leitor, enquanto personagem no texto literário, está inserido na “*ekphrasis*”, como “prática dentro da escrita”. O personagem leitor constrói a institucionalização, a canonização e a mitologização da leitura, ao mesmo tempo em que particulariza a “noção universalizada de ‘público’, que costumamos generalizar como ‘autonomia crítica’, ‘opinião pública, ‘livre-concorrência’ etc.”²². Está exposta para aquele que quiser, e puder ler, a relação visceral entre poeta, rei (poder) e comunidade de leitores; entre o discurso, o enredo e o fazer poético.

Para realmente superar a oposição artificial que se estabelece entre as estruturas e as representações, também é preciso romper com o modo de pensamento que Cassirer denomina substancialista e que leva a não reconhecer nenhuma outra realidade além das que se oferecem à intuição direta na experiência cotidiana os indivíduos e os grupos. A contribuição maior daquilo que realmente se deve chamar revolução estruturalista constitui em aplicar ao mundo social um modo de pensamento relacional, que é o modo de pensamento da matemática e física modernas e que identifica o real não a substâncias, mas a relações.²³

Determinismos sociológicos e históricos à parte, nesse conto e também em outros do mesmo autor, estão em jogo visões de mundo sobre o poder simbólico da palavra, que não deixam de ser capturáveis nos limiares da estética, ainda que sua centralidade consigne uma intencionalidade de vazio. Os vários textos (escritos e declamados) e contextos do conto chamam a “realidade” da escrita para a alquimia do fazer-se movimento. A estética borgiana prima pela

²⁰ CHARTIER, Roger. Conferência, p. 200.

²¹ _____. Conferência, p. 197.

²² HANSEN, João Adolfo. Debate. In: CHARTIER, Roger; HANSEN, J. A.; DAHER, A. Debate Literatura e História. Roger Chartier, João Adolfo Hansen e A. Daher. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 209, jan./dez. 2000.

²³ BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e poder simbólico”. In: _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 152.

relação com diversas temporalidades, que se coadunam na porosa e descontínua linha do tempo e da tradição, sempre intercalada com a presença ou ausência da palavra. Seria aí onde o literato e sua literatura buscariam fundar algum tipo de parâmetro, apontaria propósitos e movimentaria soluções para a prática da escrita e crítica literária, tanto para o passado, como para o presente e o futuro? O narrador borgiano é também teórico e crítico de sua escritura.

As lutas simbólicas a propósito da percepção do mundo social podem adquirir duas formas diferentes. Do lado objetivo, pode-se agir através de ações de representação, individuais ou coletivas, destinadas a mostrar e a fazer valerem determinadas realidades: penso por exemplo, nas manifestações que têm por objetivo tornar manifesto o grupo, seu número, sua força, sua coesão, fazê-lo existir visivelmente; e, ao nível individual todas as técnicas de apresentação de si [...]. Do lado subjetivo, **pode-se agir tentando mudar as categorias de percepção e apreciação do mundo social, as estruturas cognitivas e avaliatórias**: as categorias de percepção, os sistemas de classificação, isto é, em essência, as palavras, os nomes que constroem a realidade social tanto quanto a exprimem, constituem o alvo por excelência da luta política, **luta pela imposição do princípio de visão e divisão legítimo, ou seja, pelo exercício legítimo do efeito de teoria**. Mostrei no caso de Cabília, que os grupos, as famílias, clãs ou tribos, e os nomes que os designam, são os instrumentos e os alvos de incontáveis estratégias e que os agentes **estão continuamente ocupados a negociar a propósito de sua identidade**: por exemplo, **eles podem manipular a genealogia**, como nós manipulamos, e com os mesmos fins, os textos dos *founding fathers* da disciplina. [...] Do mesmo modo, ao nível da luta de classes cotidiana que os agentes sociais travam de maneira isolada e dispersa, **estão os insultos, enquanto tentativas mágicas de categorização (*kathegoresthai*, de onde vêm nossas “categorias”, significa, em grego, “acusar publicamente”)**, os mexericos, os boatos, as calúnias, as insinuações, etc. Ao nível coletivo, mais propriamente político, há todas as estratégias que visam impor uma nova construção da realidade social rejeitando o velho léxico político, ou que visam conservar a visão ortodoxa conservando as palavras, que muitas vezes são eufemismos (lembrei agora mesmo a expressão “classes modestas”), destinadas a designar o mundo social. **As mais típicas dessas estratégias de construção são as que visam reconstruir retrospectivamente um passado ajustado às necessidades do presente** — como quando o general Flemming diz ao embarcar em 1917: “La Fayette, aqui estamos!” — ou construir o futuro, por meio de uma predição criadora, destinada a delimitar o sentido, sempre aberto, do presente.²⁴

Em “*El espejo y la máscara*”, a comunidade de autores, críticos e leitores está arquitetada em poucas páginas, pelo incrível poder de síntese borgiano. Outros poderiam escrever o mesmo enredo em um romance de grosso volume, mas talvez a própria alternativa ao conto curto, já condiz com uma escritura-crítica oposta às grandes narrativas épicas, tanto de antigamente, quanto da modernidade. O triunfo na batalha é o que se quer narrar, durante os muitos anos que perpassam o enredo. A narrativa do poeta seria uma constante tentativa de refundar a imortalidade do instante sublime. O poeta está a serviço de vossa majestade para ser um novo Virgílio, que cantaria as loas do novo Enéias. A escrita é a pretensão de congelar o presente e reconstruir o passado; já o futuro, é a indeterminação do tempo perante a comunidade política

²⁴ BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico, p. 161-162. (grifos nossos).

renovadora da escrita e leitura. O niilismo não é a previsibilidade que a massa receptiva tenta impor sobre a narrativa borgiana, e sim construção dentro da escrita.

O rei da Irlanda quer o poeta, para o que ele entende como a narração de si, e o poeta se diz capaz de correspondê-lo, pois domina toda a arte e mitologia da palavra, capaz de produzir a “verdadeira poesia”. O poeta quer diluir a política, a história e a poesia oficiais na elaboração de uma unidade compacta da escrita. “Domino a escrita secreta que defende nossa arte do indiscreto exame do vulgo”²⁵. Porém, a transcrição que trinta escribas fazem do panegírico doze vezes, demonstra que a constante reescrita da história pelos cortesões não consegue abarcar nenhuma totalidade, e só faz ressaltar os silêncios da escrita; ou, a releitura e transcrição feita pelos que foram silenciados, corresponde apenas ao simulacro de perceber a *mimesis* na literatura como *imitatio* da realidade que quer-se narrar.²⁶

Não cairemos também em uma solução revolucionária de luta de classes antagônicas — oprimidos contra opressores, leitores (ouvintes) contra o autor. O articulador da narrativa consegue dar a corda (no caso borgiano, o pesadelo do espelho e da máscara), para que o poeta (o indivíduo, esteja ele onde estiver) enfoca por si próprio. Borges retorna ao pesadelo do espelho, que reflete a distopia de tantos sonhos, tanto na ficção como na realidade. O poeta prestes a despir-se de sua palavra mágica e bela não é ninguém, ou é inteiramente humano como qualquer outro. Traços autobiográficos do autor Borges apresentam-se em sua escritura-crítica, que insulta e incomoda a escrita de tantos outros.

— O que agora compartilhamos os dois — murmurou o Rei. — O de haver conhecido a Beleza, que é um dom vedado aos homens. Agora nos cabe expiá-lo. Dei-te um espelho e uma máscara de ouro; eis aqui o terceiro presente, que será o último. Pôs em sua mão direita uma adaga. Do poeta, sabemos que se matou ao sair do palácio; do Rei, que é um mendigo que percorre aos caminhos da Irlanda, que foi seu reino, e que nunca repetiu o poema.²⁷

Roger Chartier talvez procure alguma compatibilidade com a “estética da recepção”²⁸, ao discorrer que, cada nova escrita e publicização do poema épico de “*El espejo y la máscara*”,

²⁵ BORGES, Jorge Luis. O espelho e a máscara. In: _____. *O livro de areia* (1975). Trad. Lígia Morrone Averbuck. *Obras Completas*, v. 3, 1975-1985. São Paulo: Editora Globo, 1999, p. 50.

²⁶ A *mimesis* como não *imitatio*, e a *imaginatio* como não semelhança foi estudada por Luiz Costa Lima em diversas obras.

²⁷ BORGES, Jorge Luis. O espelho e a máscara, p. 53.

²⁸ Segundo Hans Robert Jauss, “a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como *criação através da liberdade* [...], mas também do lado de sua receptividade, como “aceitação em liberdade”. À medida que o julgamento estético pode representar tanto o modelo de um julgamento desinteressado, não impondo uma necessidade [...], quanto o modelo de um consenso aberto, não determinado a priori por conceitos e regras [...], a conduta estética ganha, indiretamente, significação para a práxis da ação. É o caso exemplar, distinguido por Kant como o procedimento de sucessão (*Nachfolge*) em face do mero mecanismo da imitação (*Nachahmung*), que medeia entre a razão teórica e a prática, entre a universalidade lógica da norma e do caso e a vigência apriorística da lei moral, possibilitando, deste modo, a ponte entre o estético e o ético”. JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção*:

corresponde a diferentes motivações. “Três vezes, cada vez com um ano de distância, o poeta retorna diante do rei com um poema cujo objeto é idêntico: celebrar o rei triunfante. Mas diferente. E cada vez são diferentes a escritura poética, a estética que a governa, a forma da publicação do texto e a figura de seu destinatário”.²⁹

No início, o poeta está a serviço dos caprichos e regras da idiomática para depois, não querer mais respeitá-las. “A obra não se ajusta às convenções da arte literária: ela não é mais imitação, mas invenção”³⁰. Para o que nos importa, a invenção e a impossibilidade de imaginar a completude e a abrangência do fato, assumem lugares antes delegados à *imitatio* de projetos realistas, à consagração do gênio autoral, e ao entendimento da literatura e da crítica como reflexo da natureza mítica. João Adolfo Hansen retoma instâncias políticas do acontecimento crítico nas análises que Chartier faz sobre Borges e Pirandello, e propõe uma teoria da resistência do tempo presente, que pode reler o passado, visando destruir e reconstruir monumentos.³¹

Outra vez cantou o rouxinol nas selvas saxônicas e o poeta retornou com seu códice, menor que o anterior. **Não o repetiu de memória; leu-o com visível insegurança, omitindo certas passagens, como se ele mesmo não as entendesse completamente ou não quisesse profaná-las.** A página era estranha. Não era a descrição da batalha, era a batalha. Em sua desordem bélica, agitavam-se o Deus que é Três e é Uno, os numes pagãos da Irlanda e os que guerrearíamos centenas de anos depois, no princípio da *Edda Maior*. A forma não era menos curiosa. Um substantivo singular podia reger um verbo plural. As preposições eram alheias às normas comuns. A aspereza alternava com a doçura. As metáforas eram arbitrárias ou assim pareciam. O Rei trocou umas poucas palavras com os homens de letras que o rodeavam e falou deste modo: — De tua primeira loa pude afirmar que era um feliz resumo de quanto se cantou na Irlanda. Esta supera tudo o que a antecedeu e também o aniquila.³²

Críticas sociais e políticas nas inter(invenções) das tradições canonizadoras, e a utopia de uma mescla entre lugares institucionalizadores em Borges

Ainda falamos em leituras e críticas borgianas, e em invenções de tradições. Contudo, buscaremos nesse momento, relacionar a teoria crítica borgiana não apenas aos aspectos sociais, mas também aos políticos. Assim, a crítica borgiana poderia hipoteticamente, adquirir mais uma problematização — esta também objeto de estudo para o historiador da literatura. Lembremos seu conhecidíssimo ensaio sobre Franz Kafka, melhor, o “exame” que faz dos “precursores de Kafka”. Neste texto, cuja temática central também se repete em outras publicações, o que nos comove é a *mezcla* das institucionalizadas identidades do ficcionista, do crítico literário e do

colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: _____. et al.; COSTA LIMA, Luiz (Sel.; Coord.; Trad.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 67-84.

²⁹ CHARTIER, Roger. Conferência, p. 201-202.

³⁰ _____. Conferência, p. 203.

³¹ HANSEN, J. A. Debate, p. 215.

³² BORGES, Jorge Luis. O espelho e a máscara, p. 51-52. (grifos nossos).

historiador da literatura, suas rupturas e inter(invenções) nas tradições canonizadoras. O narrador borgiano chama atenção para as diversas vozes no texto e para as falsificações nas recepções de diversas épocas, isto é, para o caráter construtor da leitura e da literatura. “Se não me engano, os heterogêneos textos que enumerei parecem-se a Kafka; se não me engano, nem todos se parecem entre si”³³.

O fato de cada escritor criar seus próprios precursores interage com nossa inquirição, na medida em que a crítica ao texto oral ou escrito pode intuir, nesse intenso fluxo, certas intencionalidades, “crenças e valores literários”. Seria nas palavras de Sergio Pastormerlo, uma “*crítica estratégica de intervenciones políticas*” [“crítica estratégica de intervenções políticas” (tradução nossa)]³⁴. Nesse ponto, é interessante estabelecer pontes com desejos e sonhos, às vezes pretensiosos, mas que não deixam de expor e assombrar os limites e alcances da imaginação crítica. “Modifica(m) nossa concepção de passado, como há de modificar o futuro”³⁵. Isso é o que podemos chamar de figurações utópicas.

Em outro de seus tantos textos que falam de crítica, Borges esboça uma genealogia crítica, que vai das alegorias aos romances. Dessa maneira, explanar sobre os conceitos de alegoria e romance é mais um pre-texto para traçar precursores e tradições. Croce *versus* Chesterton (críticos), Platão *versus* Aristóteles (fundadores), universos *versus* indivíduo — ordem *versus* erro — realismo *versus* nominalismo (conceitos); enfim **tradições-traduições-leituras**: [Parmênides, Platão, Spinoza, Kant, Francis Bradley] Dupin (razão) *versus* [Heráclito, Aristóteles, Locke, Hume, William James] Don Segundo Sombra (*gaucho*). Borges não decide para qual tradição crítica irá pender e prefere os “tantos anos [que] multiplicaram até o infinito as posições intermediárias e as distinções”.

O tempo, ou os “tantos anos”, são as trajetórias que atravessam a alegoria e o romance, e permitem que a “monstruosa” alegoria, enquanto “arte arremedando ciência” (como defende Croce), possa ser vista como o alegórico, que “nega que a arte esgote a expressão da realidade” (como propõe Chesterton). Assim, o narrador borgiano traz a parcialidade e o “erro” para as proposições universais do realismo. Nessa mistura de gêneros, a alegoria ganha ares de romance, e se preocupa também com fatos concernentes às coisas meramente humanas.³⁶

³³ BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In BORGES, Jorge Luis. *Outras Inquisições (1952)*. Trad. Sérgio Molina. *Obras Completas, 1952-1972*. São Paulo: Editora Globo, 2005, p. 98. v. 2.

³⁴ PASTORMERLO, Sergio. Sobre el declive de una ideología literaria romántica en la crítica de Borges. *Variaciones Borges*. Revista del Centro de Estudios y Documentación J. L. Borges. Copenhague: Borges Center, n. 9, p. 100, 2000.

³⁵ BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores, p. 98.

³⁶ BORGES, Jorge Luis. Das alegorias aos romances. In: BORGES, Jorge Luis. *Outras Inquisições (1952)*, p. 134-137. v. 2.

As abstrações são personificadas; por isso em toda alegoria há algo de romanesco. [...]. A passagem da alegoria ao romance, de espécies a indivíduos, do realismo ao nominalismo, demandou alguns séculos, mas ousou apontar uma data ideal. Aquele dia de 1832 em que Geoffrey Chaucer, que talvez não se julgasse nominalista, tentou traduzir para o inglês o verso de Bocaccio “*E con gli occulti ferri i Tradimenti*” (“E com ferros ocultos as Traições”) e reproduziu deste modo “*The smyler with knyf under the cloke*” (“Aquele que sorri, com o punhal sobre a capa”).³⁷

O *desplazamiento* das leituras ou alegorias “realistas”, ou “universais”, declara (como na crítica que Borges faz de Chesterton) a “insuficiência da linguagem”. Mitos perpassam e são perpassados pelo urbanismo da crítica, que é “feita de palavras, mas não é uma linguagem da linguagem, um signo de outros signos da virtude valorosa e das iluminações secretas que essa palavra indica”³⁸. Nesse aspecto, esboçam-se alguns contornos de geografias imaginadas no ato de leitura. Constrói-se um estatuto de “valores e crenças”, mesmo perene, nas fronteiras, margens e centros da tradição crítica. “A literatura tenta desenhar fronteiras geográficas e corporais, e inscrever a topografia da individualidade em uma topografia comunitária”³⁹.

Como ocorreria o embate na literatura de Borges sobre possibilidades presentes, passadas e futuras do ser, do vir-a-ser, e também do não-ser bárbaro ou civilizado, latino-americano ou europeu, atrasado ou moderno? Tudo isso num cenário intelectual híbrido ou *mezclado*, onde uma modernidade paradoxal poderá propor utopias, como o “entre-lugar”⁴⁰ ou *orillas*, e mesmo contra-utopias e distopias. Velhas problemáticas, tanto formais quanto alegóricas, vindas do romantismo e do realismo-naturalismo (como o mito da refundação e configuração da literatura, do sujeito literário, e comunidade de leitores e críticos nacionais, ou universais), ainda ressoam em Borges, mesmo em um momento mais maduro de sua obra.

Ainda continuamos no espaço das relações entre a literatura de Borges, os realismos e os contextos. Sergio Pastormerlo vê as relações de Borges com a “ideologia romântica” a partir de “*declives*”, manifestos nas amarras mais sólidas dos projetos dos escritores intelectuais do século XIX. Borges seria, dentre outras coisas, um “*ateo literario*” nesse complexo e denso sistema de crenças utópicas, e ironizaria o “culto romântico do artista individual”. O caráter experimental em Borges, estaria em seu desejo de criar um “público novo”, um “leitor futuro”, livre e sensato, que se desligaria dos rastros religiosos deixados pelo romantismo. Essa seria a fé borgiana, uma espécie de contra-crença — a possibilidade da dúvida e da ironia. Borges duvida dos valores

³⁷ BORGES, Jorge Luis. “Das alegorias aos romances”, p. 137.

³⁸ BORGES, Jorge Luis. “Das alegorias aos romances”, p. 135.

³⁹ RODRÍGUEZ PÉRSICO, Adriana. “Identidades nacionais argentinas 1910 y 1920”. In: ANTELO, Raúl (Org.). *Identidade e representação*. Florianópolis: Pós-graduação em Letras/ Literatura Brasileira e Teoria da Literatura — UFSC, 1994, p. 83. (tradução nossa).

⁴⁰ SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

literários que ele mesmo formula. “A crítica borgiana não só mudou as coisas de lugar, mas se viu obrigada a interrogar os pressupostos de toda crença e valor literário”⁴¹.

Isto não quer dizer que Borges não acreditasse em nada, que fosse um incorrigível niilista. Em *Borges Crítico*⁴², Pastormerlo desenha, dentre outras, uma interessante “*crítica del gusto*” em Borges. Nada mais parcial, mais pessoal, mais autobiográfico, uma vez que em Borges, suas leituras podem confundir-se com sua própria vida. “Hablar del problema del valor en la crítica borgiana es hablar de[] carácter resueltamente valorativo de sus textos críticos, que nunca acataron el precepto de Menard: ‘Censurar y alabar son operaciones sentimentales que nada tienen que ver con la crítica’”⁴³. As colocações de Pastormerlo recusam uma prática rotineira na crítica sobre Borges, a de alçar o lugar bem definido do autor ou escritor (real), sem nenhum despropósito, à mera continuidade de sua obra crítico-ficcional. Mas isso não é uma questão somente da crítica sobre Borges, ele mesmo ajudou, como nenhum outro, a institucionalização de sua fantasmagoria em uma “*nadería de la personalidad*” pública— não faltaram entrevistas para revistas e televisão, e conferências, nas quais parecia não existir ao falar de si e de sua obra.⁴⁴

Robin Lefere propõe uma não simples continuidade entre o escritor empírico, isto é, aquele que se situa fora do texto, e o “autor implícito”, o que está no interior das margens do livro. A instituição literária “Borges” não seria um homogêneo “*bookman*”, como querem muitos, e sim um espaço de tensões e conflitos, onde convergem múltiplas facetas. “Deberemos estar

⁴¹ PASTORMERLO, Sergio. Sobre el declive de una ideología literaria romántica en la crítica de Borges, p. 85 e seguintes. (tradução nossa).

⁴² PASTORMERLO, Sergio. *Borges crítico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

⁴³ “Falar do problema do valor na crítica borgiana é falar do caráter decididamente valorativo de seus textos críticos, que nunca acataram o preceito de Menard: ‘Censurar e elogiar são operações sentimentais que nada tem a ver com a crítica’”(tradução nossa). PASTORMERLO, Sergio. *Borges crítico*, p. 141. (alterações nossas).

⁴⁴ “[...] *Soy una superstición y quizás una cariñosa superstición. Según he comprobado en mis últimos viajes, hay mucha gente que me quiere, que ha leído unas líneas, quizá me quieran por eso. En todo caso, hay una imagen de un escritor Borges, en Buenos Aires; además, yo sentí eso cuando fui a los Estados Unidos por primera vez, en el año sesenta y uno, con mi madre. Pensé, bueno, tengo muchas cartas fuertes, una es que soy un hombre viejo, la otra es que soy sudamericano, eso me hace pintoresco, es casi si fuera un indio pampa; y la otra, una carta fuerte también, es la de ser ciego (tengo que darme cuenta de que es una combinación fuerte), y poeta: un viejo poeta sudamericano; eso ya crea una figura simpática para la gente. A mí, la idea de ser viejo no me es simpática. La idea de ser sudamericano no me llama tanto la atención, aunque en lo de ser poeta, no estoy seguro, pero de todos modos, la gente me ve así: un viejo poeta sudamericano y ciego, lo cual me convierte en Milton o en Homero*”. Entrevista de Borges a Antonio Carrizo em um canal de televisão, dezembro de 1981. Publicada como: Borges el memorioso. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, p. 104, 505-507, jul./set. 1992. “Sou uma superstição e talvez uma carinhosa superstição. Segundo comprovei em minhas últimas viagens, há muita gente que gosta de mim, que leu umas linhas, talvez gostem de mim por isso. Em todo caso, há uma imagem de um escritor Borges, em Buenos Aires; também, eu senti isso quando fui aos Estados Unidos pela primeira vez, no ano de sessenta e um, com minha mãe. Pensei, bem, tenho muitas cartas fortes, uma é que sou um homem velho, a outra é que sou sul-americano, isso me faz pitoresco, é quase se fosse um índio pampa; e a outra, uma carta forte também, é a de ser cego (tenho que me dar conta de que é uma combinação forte), e poeta: um velho poeta sul-americano; isso já cria uma figura simpática para as pessoas. Para mim, a ideia de ser velho não me é simpática. A ideia de ser sul-americano não me chama tanta atenção, embora na de ser poeta, não estou seguro, mas de todos os modos, as pessoas me vêem assim: um velho poeta sul-americano e cego, os quais me convertem em Milton ou em Homero”. (tradução nossa).

atentos tanto a las convergencias como a las divergencias, incoherencias o incluso contradicciones: entre el Borges de la escritura y el de las relaciones públicas”⁴⁵.

[...] Hoy parece imposible acercarse a la obra prescindiendo de la personalidad de su autor. No sólo vuelve a un primer plano la consabida y discutible fórmula “el hombre, la obra”, sino que el hombre amenaza la obra. Se puede lamentar que lo anecdótico acabe encubriendo lo literario, pero lo cierto es que tanto el hombre como la obra han permitido, incluso fomentando el equívoco. Aquél no rehuyó dicho protagonismo, sino que lo asumió y jugó con su imagen pública. Y la obra, por muy intertextual y metaliteraria que sea, encierra un importante y variado componente autobiográfico (*lato sensu*) que, como sus demás aspectos referenciales, ha sido infravalorado. Por otra parte, compiten con los textos que critican la “nadería de la personalidad” y la superstición del autor otros que reivindican ambas nociones, al mismo tiempo que todos afirman una voz y un universo inconfundibles, y significativamente constantes.⁴⁶

Essas “novas” leituras críticas da obra de Borges, respondem de certa forma as acusações veementes, imputadas pelos que se dizem combatentes à “máquina céptica” da “pós-modernidade”. Borges e Paul De Man são tratados, por exemplo, como uma só personalidade, real e estético-literária, pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, que travou em muitas obras, uma luta acirrada contra teorias, que supostamente tenderiam a transformar a historiografia em aparatos ficcionais. O niilismo de Nietzsche, o poder da duplicidade e apropriação em Borges e o poder mágico que leitor teria de transformar-se no que lê, inclusive no autor, seriam inspiração (no sentido de respirar ficção) para as “inverdades” e “relativismos” de De Man. “De Man tratava de Borges ou o utilizava para expressar-se? Mas aqui estamos ainda no plano, relativamente simples, dos conteúdos. Muito mais significativo é o fato de De Man ter chegado a elaborar uma teoria crítica que via, no ato de ler, um processo interminável no qual a verdade e a mentira estão inextricavelmente entrelaçadas”⁴⁷.

As proposições de Robin Lefere sobre as relações entre Borges e a dita “pós-modernidade” são mais apropriadas, pois não visam pasteurizar como negação, as complexidades inerentes à construção de um possível realismo que permeia a obra, em paralelo ou transversalmente aos seus muitos con-textos. “[...] No me parece resuelta la cuestión de ‘Borges

⁴⁵ “Deveremos estar atentos tanto às convergências como às divergências, incoerências e inclusive contradições: entre o Borges da escritura e o das relações públicas”. (tradução nossa). LEFERE, Robin. *Borges: entre autorretrato y automitografía*. Madrid: Editorial Gredos, 2005, p. 9.

⁴⁶ “[...]. Hoje parece impossível aproximar-se da obra prescindo da personalidade de seu autor. Não apenas volta a um primeiro plano a consagrada e discutível fórmula “o homem, a obra”, mas que o homem ameaça a obra. Pode-se lamentar que o anecdótico acabe encobrendo o literário, mas o certo é que tanto o homem como a obra tem permitido, inclusive fomentado o equívoco. Aquele não evitou dito protagonismo, mas o assumiu e jogou com sua imagem pública. E a obra, por mais intertextual e metaliterária que seja, encerra um importante e variado componente autobiográfico (*lato sensu*) que, como seus demais aspectos referenciais, foram supervalorizados. Por outra parte, competem com os textos que criticam a “*nadería de la personalidad*” e a superstição do autor outros que reivindicam ambas noções, ao mesmo tempo que todos afirmam uma voz e um universo inconfundíveis, e significativamente constantes”. (tradução nossa). LEFERE, Robin. *Borges: entre autorretrato y automitografía*, p. 8.

⁴⁷ GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 34.

y la posmodernidad’, a pesar de una nota de Jaime Alazraki sobre el tema (1988). Mejor dicho, me parece mal resuelta”.⁴⁸ Se pesa uma definição de “pós-modernidade”, como uma epistemologia do irrealismo e algo pretensiosamente antimoderno (interpretação simplista), não caberia reduzir a literatura de Borges a esse conceito.

Si bien Borges comparte con muchos modernos una actitud crítica hacia el lenguaje, en especial tiene la convicción de que es inadecuada para representar el mundo y expresar al hombre, dicha convicción, además de ser vacilante (recuérdense cierto realismo, el concepto del texto como autorretrato...), no desemboca claramente en la crítica de una metafísica de la verdad. No encontramos aquí una crítica de corte kantiano, marxiano o freudiano de la expresión y de la representación, sino una frustración y una nostalgia, incluso un anhelo que no duda de satisfacerse a nivel simbólico (en las ficciones, los ensayos, los poemas). Piénsese en las evocaciones complacidas de la palabra verdad.⁴⁹

Interseções da ficção borgiana com o biografismo, o autobiografismo e os contextualismos

Interseções da ficção com o biografismo ou autobiografismo impedem uma contraparte unilateral do textualismo em Borges. Se relembarmos os comentários de Chartier citando Foucault, de que nem toda prática seria textualizável em um discurso, e que algumas poderiam até escapar aos contornos da escrita, perceberemos então na atualidade, certa condescendência com propostas de reabilitação autoral em Borges. “Soy de los que piensan que conviene rehabilitar al autor, en el mismo plano teórico; es decir, no se trata por supuesto de volver a la situación anterior, sino de reinterpretar al autor, [...] de reevaluar el papel de la ‘noción’ desde los puntos de vista genético y hermenéutico”⁵⁰. Seguindo a crítica de Lefere, a interpretação em chave hermenêutica puxa de alguma maneira, a revalorização de algum traço de propriedade sobre o estilo do texto. Entretanto, a hermenêutica e a estilística constituiriam seu próprio limite, ao não se renovarem enquanto caricatura do velho “*ego-cogito*” cartesiano.

El autor ‘efectivo’ (el hacedor, relativamente distinto del hombre y del escritor) es a la vez principio, función y producto: es, sustentada en un sujeto que es “Yo”, “Ello” y “Superyo”, en un cuerpo y sus ritmos, una mente polémicamente determinada,

⁴⁸ “[...] Não me parece resolvida a questão de ‘Borges e a pós-modernidade’, apesar de uma nota de Jaime Alazraki sobre o tema (1988). Melhor dito, me parece mal resolvida”. (tradução nossa). LEFERE, Robin. Borges ante las nociones de “modernidad” y “posmodernidad”. *Rilce*: Revista de Filología Hispánica, Pamplona: Navarra: España, 18.1, p. 51, 2002.

⁴⁹ “Se bem, Borges compartilha com muitos modernos uma atitude crítica pela linguagem, em especial tem a convicção de que é inadequada para representar o mundo e expressar o homem, dita convicção, além de ser vacilante (recordem certo realismo, o conceito de texto como autorretrato...), não desemboca claramente na crítica de uma metafísica da verdade. Não encontramos aqui uma crítica de corte kantiano, marxiano ou freudiano da expressão e da representação, mas uma frustração e uma nostalgia, inclusive um anseio que não duvida de satisfazer-se a nível simbólico (nas ficções, nos ensaios, nos poemas). Pensemos nas evocações comprazidas da palavra verdade”. (tradução nossa). LEFERE, Robin. Borges ante las nociones de “modernidad” y “posmodernidad”, p. 57.

⁵⁰ “Sou dos que pensam que convém reabilitar o autor, no mesmo plano teórico; quer dizer, não se trata claro de voltar à situação anterior, mas de reinterpretar o autor, [...] de reavaliar o papel da ‘noção’ desde os pontos de vista genético e hermenêutico”. (tradução nossa). LERERE, Robin. *Borges: entre autorretrato y automitografía*, p. 13.

comprometida y articulada en el lenguaje, que, al transmutarse en le texto que va creando, proyecta en éste una imagen de sí, de forma indirecta e implícita (el “autor implicado”), y a veces directa y explícita (el “autor representado”).⁵¹

Tudo o que falamos sobre as diversas distinções da subjetividade no texto borgiano (poema, conto, ensaio-crítico), sobre o autor que se projeta como personagens ou narrador, sobre o escritor empírico que não fala outra coisa publicamente (nos meios de comunicação de massa), que sua presença ou ausência marcante em seus repetidos textos, encontra confluências com a teoria da citação e da crítica — discursos sobre outros discursos, formas dos textos e misturas de gêneros (literatura, ficção, história, política, sociologia, etc.). As obras críticas e literárias, como discursos e ações políticas, são decisivas nos processamentos temporais do texto. Contudo, não são determinadas pela “exterioridade” e fixidez de contingências realistas.⁵²

O conjunto da obra borgiana quer-se enquanto cânone (uma literatura marginal que se torna cânone), que lê outros cânones. Entretanto, não deixa de marcar a presença de uma *persona* imaginária, ficcional, autoconstrutora, ou até autodestrutiva. Às vezes sarcástica com esse mesmo cânone, pode escapar aos trâmites da própria escrita e do processo criativo autoral, não buscando diálogo em público (na multidão das vozes altissonantes), mas somente uma conversa curta, ao pé do ouvido, com o leitor em sua intimidade.

Trabalho a citação como uma matéria que existe dentro de mim; e, ocupando-me, ela me trabalha; não que eu esteja cheio de citações ou esteja atormentado por elas, mas elas me perturbam e me provocam, deslocam uma força, pelo menos a do meu punho, colocam em jogo uma energia [...]. Mais que a fotografia, mais que a biografia, é a bibliografia que me informa e é capaz de despertar meu desejo.⁵³

“A ênfase na leitura deixa de incidir na tópica e desloca-se para questões referentes à disposição textual”⁵⁴. As preocupações sobre os deslocamentos espaciais, temporais e contextuais da tradição crítica, estão interiorizadas nas problematizações e posturas físico-corporais dos objetos, figuradas através da prática da reescritura autobiográfica.⁵⁵ O texto relaciona-se com a

⁵¹ “O autor ‘efetivo’ (o fazedor, relativamente distinto do homem e do escritor) é ao mesmo tempo princípio, função e produto: é sustentada em um sujeito que é “Eu”, “Ele” e “Super-eu”, uma mente polemicamente determinada, comprometida e articulada com a linguagem, que, ao transmutar-se no texto que vai criando, projeta neste uma imagem de si, de forma indireta e implícita (o “autor implícito”), e às vezes direta e explícita (o “autor representado”). (tradução nossa). LEFERE, Robin. *Borges: entre autorretrato y automitografía*, p. 17.

⁵² “O uso rígido de critérios de exterioridade e interioridade da construção textual é prejudicial tanto ao objeto historiográfico quanto ao ficcional”. COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 37.

⁵³ COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 45 e 112.

⁵⁴ GÁRATE, Miriam. *Civilização e barbárie n'os sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 16.

⁵⁵ “Quanto à crítica, penso que é uma das formas modernas de autobiografia. A pessoa escreve sua vida quando pensa estar escrevendo suas leituras. Não é o contrário do Quixote? O crítico é aquele que reconstrói sua vida no interior dos textos que lê”. PIGLIA, Ricardo *apud* BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 9.

historiografia crítico-literária e com a historiografia do contexto. Há ainda mais um complicador em Borges: os referenciais teórico-metodológicos podem estar inseridos e prefigurados no *corpus* das leituras. Há um trânsito e deslocamento crítico, em constante comunicação, e não uma simples sobreposição.

Considerações finais

A tradição crítica em Borges é convergência de experiências ímpares e compartilhadas, além de temporalidades e utopias diversas. Tentar emergir na tradição é reconhecer propostas teóricas no campo da leitura, da autobiografia, da citação, da intertextualidade, da autobi(bli)ografia, além das relações, sempre porosas e não resolvidas, entre texto e contexto. Intenções e inter(invenções) utópicas, políticas e estéticas podem ser “capturáveis” por atitudes subjetivas, às vezes partidárias, outras vezes fluidas — claramente autobi(bli)ográficas — que entram na esfera pública em tensão e conflito, ou em encontro, através de alguma corporificação crítico-textual.

Assim chegamos às considerações finais. Defendemos que Borges possa vir a ser um sugestivo teórico para metodologias e práticas de críticas contextualistas e/ou realistas — objeto e prática para o historiador da literatura. Reiteremos aqui, que nossa intenção não é uma análise documental pormenorizada, sequer uma reconstituição de determinado fato, evento ou momento histórico, usando a literatura como prova. O que almejamos foram modestas tentativas de mapear hipóteses, que são gerais, abrangentes, o que não diz que não venham a ser também realidades e práticas pontuais. A literatura de Borges marca seus fundamentos, ao recusar verdades consolidadas e resolvidas sobre as recepções do texto literário, e sempre traz a dúvida, a ironia e o paradoxo para o ato da leitura. As proposições borgianas não são as únicas, muito menos receituários ideais para o terreno literário. Vive-se atualmente o dilema da canonização daquilo que não buscara (necessariamente) percorrer os trâmites, para que se consolidasse enquanto monumento e didática “pós-moderna”. O texto de Borges não é facilitador — no sentido que sempre dialoga com a provocação. Se a leitura dessa literatura não é facilitadora, assim também suponhamos que, utopicamente, apresente sua crítica contextualista. Ela mexeria portanto, com delimitações rígidas de práticas disciplinares que lidam com o realismo literário, ou mesmo com a desconstrução.

A racionalidade história, com a revolução dos *Annales*, se coloca fortemente como a submissão daquilo que ocorre à condição de sua possibilidade. Com isso ela chega a **identificar o tempo como o sistema das condições dessa possibilidade**, identificação que resumirei numa fórmula: ***só existe possível segundo o tempo***. Essa forma de racionalidade que submete o real ao possível segundo o tempo — e, ao contrário, **identifica a inexistência com a impossibilidade segundo o tempo**, ao

que ela chama anacronismo — tem duas propriedades notáveis. A primeira é sua capacidade de ocupar o lugar de crença política. [...]. Só existe possível segundo o tempo: o possível autorizado pelo “século”, segundo o estado do desenvolvimento, das riquezas e dos costumes; o possível que se define em termos de ritmos temporais: formação, desenvolvimento, tendência, indícios e prazos [...]. Se são os historiadores que usam correntemente, diante da opinião, o discurso da política realista, não é em virtude de algum tipo de sabedoria ou lição da história. É porque a racionalidade segundo a qual eles pensam sua ciência é a única enunciação teórica apresentável da política realista. [...]. O tempo é idêntico à própria crença. Pode-se escapar ao controle de um tempo como esse? [...]. Pode-se imaginar a exceção, **um homem que recusa a crença imanente ao tempo, um precursor?** [...]. Assim, o historiador exemplar de nosso tempo condiciona estritamente a questão da verdade à da possibilidade, identificando a questão dessa possibilidade com a própria questão do tempo. O que ele demonstra, no fundo, é a impossibilidade de que jamais comece o tempo que tornaria possível o tempo da ruptura com o tempo da impossibilidade. [...]. Em outras palavras, **não há de um lado a questão da análise dos fatos históricos e do outro a questão platônica da mentira e do não-ser.**⁵⁶

O leitor crítico do discurso utópico, entranhado na literatura, procura o “não-sentido”, segundo a interpretação de Jacques Rancière. Se espaço e tempo são ingredientes básicos da utopia, ela experimenta, nos contos de Borges, sopro de vida fora, ou dentro, de sua matriz compactadora. Há impossibilidades possíveis fora do espaço fundado pelo sentido unificador e unilateral da “verdade”; que, no labirinto (imagem borgiana), pode levar-nos a outros lugares, a infinitas séries de tempo e espaços. Talvez assim, a história de uma utopia pudesse ser reescrita pelo seu “duplo” (outra imagem borgiana) — a literatura-crítica.

41

Recebido: 15/05/2012

Aprovado: 05/08/2012

⁵⁶ RANCIÈRE, Jacques. *A política da Escrita*. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 242-247. (grifos nossos).